



Forja e ficção¹.

Rodrigo Alves Ribeiro²

Recebido em: 29/03/2018

Aceito em: 04/05/2019

RESUMO

Dona Sinhá e o Filho Padre, com primeira edição de 1964, é objeto de análise deste artigo. Trata-se da primeira seminovela do escritor pernambucano Gilberto Freyre [1900-1987]. Apresentar, descrever e interpretar as especificidades do *Dona Sinhá e o Filho Padre* são aqui objetivos centrais. A forja da narrativa, intercalada à trama ficcional e à autocrítica literária, associa-se à estética do prazer do texto no modo Gilberto Freyre de fazer literatura. Para tanto, o escritor aborda “tópicas narrativas”, a exemplo da sexualidade e do patriarcado açucarocrático, fundantes à composição da contextura da seminovela que toma por empréstimo o Recife de fins do século XIX e inícios do XX.

Palavras-chave: Recife. Gilberto Freyre. Literatura. Seminovela. Ficção.

Forge and fiction.

ABSTRACT:

Dona Sinhá e o filho padre, with the first edition of 1964, is the subject of analysis of this article. It is the first seminovela of the Pernambuco writer Gilberto Freyre [1900-1987]. Presenting, describing and interpreting the specifics of *Dona Sinhá e o filho padre* are central objectives here. The forge of the narrative, interspersed with the fictional plot and the literary self-criticism, is associated with the aesthetics of the pleasure of the text in the Gilberto Freyre way of doing literature. For this, the writer approaches "topical narratives", such as sexuality and sugar-patriarchy, founders of the composition of the structure of the seminovela that borrows the Recife of the late nineteenth and early twentieth.

¹ Trabalho de conclusão do meu Pós-Doutorado em Teoria da Literatura realizado no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, sob a supervisão do Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola e financiado pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado – PNPd da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Doutor em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História – PPGH da Universidade Federal do Ceará – UFC. Professor no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, Mestrado e Doutorado, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. As reflexões do presente artigo também resultam da minha prática docente na disciplina Historiografia Literária. E-mail: rodrigoalvesufc@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6097708393644860>.



Keywords: Recife. Gilberto Freyre. Literature. Seminovela. Fiction.

1 DONA SINHÁ E O FILHO PADRE: UMA SEMINOVELA

Dentre as possíveis leituras sobre os escritos de Gilberto Freyre [1900-1987] existe o “gênero” da [semi]novela como pauta de apreciação. Se a exemplificação dos atos da vida cotidiana esmeram a novela, cabe aqui a seguinte pergunta: o que de épico, ou de época, e de cotidianesco há no modo Gilberto Freyre de fazer literatura? E, para além deste primeiro questionamento, vale pontuar: o que é literatura para Gilberto Freyre? E mais: como a evocação de uma época permeia o arranjo de suas letras e a crença no fantástico?

Gilberto Freyre, escritor dos personagens que incitam estímulos sensoriais no leitor, faz emergir em *Dona Sinhá e o Filho Padre* o seu espectro de alquimia literária: a leitura psicológica. Comportamento e imaginário, a propósito, são vistos como instrumentos propulsores da dinâmica dos indivíduos e de suas conexões sociais.

Autor de ensaios sociológicos densos Gilberto Freyre envereda para a literatura de ficção. A novela, ou melhor, a seminovela, é a expressão narrativa de *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Narrativa que objetiva descrever e interpretar valores e práticas sociais da cidade do Recife dos fins do século XIX e princípios dos noventa. Dona Sinhá e seu filho, José Maria, configuram a história narrada. Trata-se de texto autobiográfico.

É autobiográfico em decorrência da condição psicológica assumida pelo tempo introspectivo e pela constância da memória [in]voluntária em Gilberto Freyre: no estrato social dos personagens Dona Sinhá é código exemplar desta afirmativa. Ela é anunciada pela atribuição distintiva que a qualifica e não pelo nome que a substantiva.

Dona Sinhá e o Filho Padre tem continuidade quando da publicação de outra seminovela: *O Outro Amor do Dr. Paulo* cuja primeira edição é de 1977. O mesmo Paulo Tavares do apego proibido de José Maria. Uma extensão dos apegos psicológicos de um escritor marcado por imposições e convenções sociais. A escrita de Gilberto Freyre é projeção de sua trajetória existencial. *Dona Sinhá e o Filho Padre* é, em resumo, estímulo ao prazer da leitura; ao galardão do eu do leitor. Um compromisso singular de Gilberto Freyre.

Marcel Proust, em texto de 1905 sobre John Ruskin, professa os contornos do deleite de uma leitura, dizendo:



Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezávamos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou a mudar de lugar, a merenda que nos obrigavam a levar e que deixávamos de lado intocada sobre o banco [...] (PROUST, 2011, p. 09).

Gilberto Freyre, logo na abertura de *Dona Sinhá e o Filho Padre*, incita no leitor possíveis percepções de leitura. A existência da personagem Dona Sinhá, no texto ficcional não só, aparentemente, inquieta o leitor como o próprio narrador/autor. A forma narrativa da seminovela, com primeira edição de 1964, é iniciada quando o sentido, ou o significado, de existir das coisas e dos seres é refutado.

Dona Sinhá é o parâmetro estético à percepção do leitor: o narrador/autor dialoga não apenas com o leitor comum, mas com os literatos a tempos iniciados no gênero da novela literária. É patente o intuito de Gilberto Freyre de prestidigitação. Efeito estético que prediz o autor seminovelistas e sua personagem principal, Dona Sinhá, extraída de uma quimera: do fantástico (TODOROV, 2010, p. 30).

Afinal, como fazer existir a imaginação? Ou melhor: como Dona Sinhá existira? Tzvetan Todorov, em *Introdução à Literatura Fantástica*, fala da condição de existência dos seres e das coisas pela interseção da incerteza:

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário; ou então existe realmente, exatamente como os outros seres vivos: com a ressalva de que raramente o encontramos. O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (Todorov, 2010, p. 30-31)

Gilberto Freyre, ao relatar as caracterizações de Dona Sinhá, nas primeiras páginas, descreve o lugar de fala da senhora aristocrática, criando visualidades e ambiências. O narrador/autor oferta aos leitores a sensação da sinestesia. Efeito que refina a linguagem e fundamenta a lógica da narrativa. Simulando um *déjà vu* o nosso narrador/autor permite a transferência de um sentido para outro: do visual para o auditivo; ou do visual para o olfativo.



O jogo das sensações em Gilberto Freyre é recurso respaldado pela psicologia. É recurso condizente às dualidades da narrativa proposta pela seminovela. Portanto, o ato de descrever para Gilberto Freyre significa anunciar seus personagens, em especial a Dona Sinhá, como são e estão mediante o esteio da cultura material e das percepções/impressões que estimulam no leitor: do fato à forja ficcional.

Em meio aos ambientes externo e interno do ser e do estar de Dona Sinhá, relata o autor de *Casa-Grande & Senzala*:

[...] São José [do Ribamar] sempre me seduziu: nunca me esqueço nem de suas meninas de luto, do meu tempo de adolescente, nem das suas casas, para mim, brasileiríssimas, onde ainda até há poucos anos o mês de maio era uma liturgia, além de religiosa, social; e onde aos domingos, pela manhã, se preparavam os melhores munguzás do Recife, com um cheiro bom de milho e de canela que vinha de dentro das casas até a rua. Ainda hoje, o Largo de São José do Ribamar é, dentro de São José, o meu recanto predileto. Do bairro inteiro de São José se deve dizer que não é do Recife só um espaço à parte dos outros; é também um tempo diferente. Mas retardado, dizem os progressistas com algum desdém (FREYRE, 2000, p. 14).

E completa, o devaneio de memória, questionando o motivo pelo qual Dona Sinhá o convidara a ir à sua casa:

Que haveria de querer de mim essa senhora que me convocava num bilhete, escrito com letra de antiga aluna de colégio de freiras francesas e trazido por um muleque e seu tanto arcaico? Qual o 'interesse mútuo'? [Frase de Dona Sinhá no bilhete inesperado que o narrador/autor apresenta como questionamento]. Talvez alguma antiguidade que ela, supondo-me colecionador, desejasse vender. Algum jacarandá ou alguma prata velha que ela quisesse me oferecer. Pois tinha eu então fama de colecionador: eu que sempre detestei colecionadores, embora reconheça neles um mal dos chamados necessários. A casa era bem uma casa de São José. Modesta, é certo; mas com uma sóbria dignidade em sua mais pobreza do que riqueza. Pobre com o seu toque de nobre. O muleque, já meu conhecido, veio me abrir a porta. [...] Cadeiras antigas na sala de visitas. De vinhático ou jacarandá? Vinhático. Vinhático do bom que não é inferior a jacarandá, senão para os novos-ricos, cristãos-novos em questões de móveis antigos; e, por isto, fanáticos do jacarandá, às vezes chamado por eles 'pau-santo'. Nenhum móvel extraordinário. Nem móvel nem bandeja de prata nem *biscuit* de sala de visitas convencionalmente brasileira do começo deste século [, o XX,] e do fim do XIX. Nas paredes, dois retratos a óleo, antigos, talvez de Bérard – não se via assinatura –, que concluí fossem do pai e da mãe da dona da casa. Sobre um consolo, a fotografia, já um tanto amarelecida, de um seminarista com um rosto mais de menina que de menino. E junto à fotografia, um jarro com flores entre devotas e maternais. Flores frescas (FREYRE, 2000, p. 15-16).

Os arranjos da descrição na narrativa dão a Gilberto Freyre o status de manipulador de sentidos e palavras. Manipulador no sentido mais alentado do termo: um recurso de poder de sedução do leitor; um paramento de evocação de passados e memórias; um meio de expressar



autonomia e autoridade de escrita. Uma elaboração da “literatura de testemunho”, até. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 08)

Tratar de autoria implica na “popularidade” de um tipo de escrita anunciada. Sérgio Buarque de Holanda, em exercício de crítica literária sobre as poesias de Manuel Bandeira, lembra que o reconhecimento de um autor está vinculado “a uma técnica extremamente cultivada”. (Holanda, 1996, p. 395) Transferir esta observação para *Dona Sinhá e o Filho Padre* implica, por conseguinte, na identificação de prestidigitações de uma escrita apregoada como nova em termos de apelos e atrativos para o leitor:

Se romance ou novela – ou seminovela – a que espécie de romance pertence este *Dona Sinhá e o filho padre*? Talvez a nenhuma das tradicionais, embora nele se encontrem sugestões vindas, umas, da velha novela inglesa – sobretudo de Defoe, hoje considerado atualíssimo – outras da mais nova. Talvez tenha mais da novela realista, ao mesmo tempo que romântica, de Dickens, do que de outra qualquer, pela importância que dá ao *pathos*; e também pela tendência, nesta seminovela muito moderada, para se fazer de uns personagens heróis; e se atribuir, embora de leve, vilania aos que os fizeram sofrer (FREYRE, s/d, p. 193-194).

Fica evidente que a “receita” de transfigurações seguida por Gilberto Freyre delinea a sua seminovela. Um recurso de estética autobiográfica, inclusive. Dona Sinhá, personagem de título e conteúdo, prediz asilo consagrado uma vez que o desencanto do autor com o fim de um passado sagrado é patente. Dona Sinhá é a sinonímia da pretensa perpetuidade do passado açucarocrático morto, sepultado, remexido, refundado, ficcionado. É a imagem transfigurativa da nostalgia. É exemplo da transitoriedade da vida. É fugacidade, efemeridade e efeméride, da existência. Dona Sinhá é o ressentimento e a austeridade resistente às passagens aceleradas do tempo. Gilberto Freyre, ao revelar-se herdeiro dos tempos de Dona Sinhá, expõe sua reclusão psicológica. Reclusão expressa na lembrança, na melancolia, na forja da narrativa, na compilação de fatos imaginados pelo escritor.

O modo Gilberto Freyre de fazer literatura não o permite negar-se:

A aventura em que eu estava mergulhado talvez me levasse a idéias de tal modo novas sobre as relações entre o tempo histórico e o tempo artisticamente fictício que todo esse meu pensar de agora tivesse de ser revisto. Haveria um tempo artisticamente fictício que fugisse ao domínio do histórico [,] mas fosse perseguido pelo histórico até os dois tempos se tornarem, pelo menos em alguns casos, um tempo só? Haveria uma verdade aparentemente inventada – a da ficção – parecendo independente da história, mas de fato, verdade histórica, a qual solta no ar – no ar psíquico – a sensibilidade ou a imaginação de algum novelista mais concentrado na sua procura de assunto e de personagens [...] (FREYRE, 2000, p. 31).



O estetismo literário de *Dona Sinhá e o Filho Padre* compõe uma personagem ambígua. Ambígua como o “gênero” da seminovela. Faço referência ao filho de Dona Sinhá: José Maria. Um José Maria menino-menina. Personagem de uma ficção das lembranças remotas de Gilberto Freyre. Lembranças de uma realidade externa à realidade da narrativa literária. Gilberto Freyre, na condição de narrador/autor, trata a seminovela como acontecimento da escrita literária. Define a seminovela como indicativo de distinção frente à novela: como novidade.

No entanto, para efeito de classificação nos manuais de teoria da literatura, a seminovela de Gilberto Freyre não deixa de ser novela. Afinal, para Afrânio Coutinho, o tema de uma narrativa literária é a forma por meio “da qual o autor manifesta a sua filosofia da vida, a sua atitude geral e sua visão do mundo” (COUTINHO, 2008, p. 52).

A despeito dos manuais de teoria literária, providos de função didática plausível, Gilberto Freyre traz ao círculo das discussões sobre modos de escrita da literatura a noção de tempo na qual reside a relação hierárquica entre o passado e o presente. O passado, neste esteio relacional, assume a condição de dimensão superior frente ao presente. Trata-se de um tempo proustiano: o presente como a dimensão legítima na qual o autor escreve a sua obra. *Dona Sinhá e o Filho Padre*, portanto, exemplifica, sob o efeito da trama, o fazer-se e o refazer-se das personagens na ambiência da narrativa. Para tanto, Gilberto Freyre assume a posição de narrador/autor e não a de criador de um personagem narrador. Anuncia-se nos momentos, nos intervalos da narrativa, de auto-crítica literária: nos embates entre o narrador/autor e Dona Sinhá. Uma Dona Sinhá não só fictícia.

Se a História, para afirmar-se senhora absoluta das minhas pobres letras, não me permitia traí-la de público uma só vez, devia eu ter paciência; e resignar-me. [...] A aventura em que eu estava mergulhado talvez me levasse a idéias de tal modo novas sobre as relações entre o tempo histórico e o tempo artisticamente fictício que todo esse meu pensar de agora tivesse de ser revisto. Haveria um tempo artisticamente fictício que fugisse ao domínio do histórico mas fosse perseguido pelo histórico até os dois tempos se tornarem, pelo menos em alguns casos, um tempo só? Haveria uma verdade aparentemente inventada – a da ficção – parecendo independente da histórica, mas de fato, verdade histórica, a qual solta no ar – no ar psíquico – a sensibilidade ou a imaginação de algum novelista mais concentrado na sua procura de assunto e de personagens, a apreendesse por um processo metapsíquico ainda desconhecido? (FREYRE, 2000, p. 30-31).

A seminovela, aos modos de Gilberto Freyre, caracteriza-se pela interferência do autor que escreve. O exercício da escrita projeta uma narrativa balizada pela legitimidade da autoria. A literatura é um campo de autoridade e da autoridade. As questões, com aparência



de dúvidas, levantadas por Gilberto Freyre, imprimem à *Dona Sinhá e o Filho Padre* o efeito da descrição como categoria de elo com a realidade absoluta e a realidade da narrativa ficcional; e entre os devaneios de um autor e a expectativa de seus potenciais leitores: a narrativa ficcional como recurso de prazer da leitura. A seminovela é, aos olhos de Gilberto Freyre, um gênero narrativo que associa crítica literária e invenção criativa.

As especulações acerca da definição do gênero literário de *Dona Sinhá e o Filho Padre* são recorrentes. Recursivas não no sentido de classificá-la arbitrariamente, mas na intenção de firmar-se parâmetros de apreensão da obra; e, daí, perceber-se as suas especificidades. Procedimento com fundamentação nas incursões de Tzvetan Todorov sobre as feições da produção literária contemporânea. É no livro *Introdução à Literatura Fantástica*, de 1968, que Todorov (2010, p. 12) destaca:

[...] a literatura parece abandonar hoje a divisão em gêneros. Maurice Blanchot escrevia há já dez anos: ‘Só importa o livro, tal como é, longe dos gêneros, fora das rubricas, prosa, poesia, romance, testemunho, sob os quais ele se recusa a se alinhar e aos quais nega o poder de lhe fixar o lugar e determinar a forma. Um livro não pertence a um gênero, todo livro depende unicamente da literatura, como se esta detivesse por antecipação, na sua generalidade, os segredos e as fórmulas, as únicas coisas que permitem dar ao que se escreve realidade de livro’.

Garantir a estirpe de literatura de seu texto era, de fato, o propósito maior de Gilberto Freyre. Muito embora, é preciso acenar, a insistência do narrador/autor de *Dona sinhá e o Filho Padre* desprender esforços à demarcação de sua conduta literária. A seminovela é menos uma definição classificatória e mais uma noção conceitual. Um parâmetro comparativo entre modos de escrita; um propósito de fazer literatura. Literatura como abstração, como saldo das práticas de leituras de um escritor, como elaboração do fantástico, como postura assumida diante da existência.

O narrador/autor também fora leitor. Gilberto Freyre, na seção *Conversa do autor com o leitor, em torno do modo por que foi esboçada a seminovela Dona Sinhá e o filho padre*, elenca os literatos vitorianos fundantes ao modo de escrita por ele proposto. Literatos que manipulavam a fusão do cotidiano com o fantástico. Daí, Kipling, Steveson, M. R. James, W. F. Harvey, Conan Doyle e Harvey figurarem como leituras imprescindíveis.

No entanto, cabe esclarecer, que o anúncio de formas e estilos de escrita não se resumem à identificação de supostas origens inspiradoras de uma narrativa literária. *Dona Sinhá e o Filho Padre* externa as inspirações de seu autor sem que o mesmo autor perdesse



suas especificidades estilísticas e de enredo: a ação dos personagens e os efeitos da mesma ação delimitam o tempo da trama da seminovela.

Dona Sinhá e José Maria, em meio ao conflito de valores inter-geracionais, estimulam a descrição de outras questões relatadas na narrativa, formando assim a trama que a tematiza: os apegos de uma Dona Sinhá às convenções culturais de um tempo açucarocrático fragmentado.

A composição da seminovela, pautada nos literatos vitorianos, é de feição ambígua. Ambigüidade que traduz não só o tempo da narrativa, mas as mudanças e permanências aviltantes da cidade do Recife dos fins do século XIX. Cenário no qual Dona Sinhá e José Maria são inseridos. Contudo, vale salientar, que não se trata de uma composição temporal externa aos personagens: o século XIX como tempo cronológico absoluto. Gilberto Freyre, pois, elabora um tempo de memórias involuntárias ao passo que os personagens iniciam, findam e reiniciam as suas aparições na narrativa da seminovela. Um exercício Proustiano de [re]constituir o tempo: o das referências ancestrais. O passado de Gilberto Freyre é evocador. É dimensão alegórica para seus anacronismos de memória.

A literatura, em termos de tratamento metodológico, exige apurado diálogo interdisciplinar. A literatura de Gilberto Freyre é baliza desta constatação. Exige, portanto, abordagem analítica sincrônica com o fim de que esta perspectiva não reduza o estilo do autor a artifício da história literária: exercício que traça a linha entre a suposta decodificação do pensamento do autor e seu adjacente “contexto”. Ter consciência de tamanha premissa não significa a constatação de um exercício fácil de ser realizado. Afinal, identificar a dinâmica da “operação trópica” (WHITE, 1994, p. 29) na elaboração de uma narrativa implica na conseqüente fundamentação do discurso de feição historiográfica ou literária.

Em *Dona Sinhá e o Filho Padre* os recursos da linguagem, a exemplo das “figuras de linguagem”, atribuem ordem às concepções e os argumentos de seu autor. Metonímias, metáforas e neologismos avolumam a narrativa. É constante, a propósito, o uso de metonímias na descrição ou configuração dos personagens.

Simulando conversa com o irmão de Dona Sinhá, sobre os modos de menino com tendência a ser homem, o narrador/autor⁶ faz menção às expressões da oralidade sob a regência metonímica: “[...] Será que eu pequei aos olhos de Deus, enchendo as terras de Olindeta de mulatos sadios e de sararás escovados? Acho que não. Pecar quem pecou, deixando de dar ao Brasil mulatos fortes [...] foi o tal do Nabuco.⁷” (Freyre, 2000, p. 80)



Os recursos da linguagem destituem dos acontecimentos descritos na narrativa a estirpe da exatidão. A narrativa literária é, portanto, um expediente interpretativo. É instrumento de simulação de realidades e de projeção de experiências; ou desejos. Esferas nas quais Gilberto Freyre transitara com desenvoltura. Para identificar, contudo, sob os domínios da história, os meandros de uma escrita literária, é fundamental compreender que

o estudo da literatura [...] preenche-se de significados muito peculiares. Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o prosaísmo dos desajustados, mais do que testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e a mágoa dos aflitos (SEVCENKO, 1999, p. 20).

A articulação entre os personagens, com destaque para Dona Sinhá, externa valores que exprimem sentimentos dos falidos do patriarcado açucarocrático. Gilberto Freyre apresenta uma Dona Sinhá imersa em desalento, amargura e ressentimentos. Dona Sinhá, considerando os textos de Gilberto Freyre relatando fases transitórias do patriarcado, é a transfiguração dos resultados do regime político-econômico sobre a cultura do açúcar. *Ordem e Progresso*, com primeira edição de 1954, faz menção aos discursos de extremos, à “tensão dos aflitos” (SEVCENKO, 1999, p. 20).

Freyre (2000, p. 41), ao escrever literatura, dedicou-se a estudar as permanências. Tratou do que havia de

menos precível, isto é, [de] suas formas e seus processos; suas constâncias; suas resistências a progressos por vezes mais aparentes do que reais, embora alguns tenham sido reais e tenham tornado arcaicas situações que pareciam estáveis ou duradoras.

Dona Sinhá e o Filho Padre, portanto, traz a público passados que “tocam em nervos” (FREYRE, 2001, p. 49). Traz a público referências do “animismo”. Trata de atribuir função, em termos narrativos, às expressões da linguagem e do subjetivo de nosso narrador/autor. As passagens descritas da seminovela, as relatadas nos ambientes internos e externos, que dão sentido e dinâmica aos personagens, configuram a existência do animismo: instrumento de composição das imagens, das translações metafóricas e sinestésicas; indicativos “[...] do caráter vivo daquelas coisas que nos parecem ser objetos inanimados” (FREUD, 1996, p. 87).

2 CONTEXTURA DA NARRATIVA: FORJA E FICÇÃO

A literatura [...] fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o



testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. (SEVCENKO, 1999, p. 21)

Na trama da narrativa de *Dona Sinhá e o Filho Padre* os interesses, perspectivas e propósitos dos personagens são fundantes à interpretação da obra. A trama, portanto, compõe-se pela interseção dos afãs e dinâmica dos personagens ao longo das descrições empreendidas pelo autor. Uma Dona Sinhá crente na ordenação do filho, José Maria, ao sacerdócio impõe ao mesmo filho limitações à sua individualidade. Por outro lado, Inácia, negra mucama, vê-se socialmente revelada pelos cuidados desprendidos às ordens da Dona Sinhá e aos tratos para com José Maria. Este, por sua vez, entre os valores morais de Dona Sinhá e as perturbações psíquicas. Entre o voto perpétuo e o desejo abstruso pelo jovem afrancesado de nome Paulo Tavares.

José Maria, menino cândido e filiforme, é objeto de promessa e posse. Dona Sinhá, amante absoluta do filho, vê-se na iminência de perdê-lo para as incontínuas intestinais. Sôfrego e debilitado José Maria é prometido à vida religiosa caso fosse salvo por um milagre. Curado pela interseção de Nossa Senhora das Dores, santa evocada pela mãe exemplar, o menino põe-se em conflitos. Salvo do primeiro assédio da morte, José Maria morre. Morre após o retorno das diarreias e febres tísicas.

O personagem José Maria é, para Gilberto Freyre, sem a menor impertinência da refutação, um lastro de fuga. A fuga do eu. José Maria é a transfiguração das imposições, ou repressões, do real. Gilberto Freyre delibera à literatura o patamar de campo possível às realizações ansiadas pelo eu. A literatura é, com efeito, a condição castiça de transpor, de “superar a própria situação particular” (HOLANDA, 1996, p. 402). Mas a morte do personagem José Maria, a propósito, não marcaria o depauperamento dos anseios existenciais de Gilberto Freyre? Alguns deles, provavelmente.

De todo modo, o filho padre morrera sem a realização dos desejos do eu e do corpo: algo que indica que não há realização humana absoluta; morrera sem desfrutar das brincadeiras que o tempo de ser menino propunha. Fora alfabetizado a partir dos seis anos de idade. Preferia pintar e desenhar às letras. Mas, por outro lado, a distinção exigida por Dona Sinhá ao filho frente aos ensinamentos cotidianos da negra Inácia iam-no aproximando dos dogmas da religião católica e da disciplina do latim. Menino de educação rígida que o tio materno, João Gaspar, não admitia ser “conhecido por Sinhazinha” (FREYRE, 2000, p. 61).



Gilberto Freyre faz-se imagem de José Maria. Um José Maria como ponto de fuga para o seminovelista. Um José Maria introspectivo, imaginativo e misantropo. Um Gilberto Freyre iniciado no latim, mais afável aos desenhos e menos adepto ao exercício da escrita quando menino de igual idade à de seu personagem. Um Gilberto Freyre, assim como José Maria, que em idade escolar participava de diálogos literários em meio aos meninos mais velhos. Em meio aos jovens do tipo Paulo Tavares:

Esta tem sido a história de muito menino brasileiro de quem, em quatro séculos de vida do Brasil, a mãe ou avó tem feito padre. Um psicanalista não consideraria senão com desdém o aspecto que aqui se sugere do problema. Mas nem tudo em psicologia pode ser esclarecido pela psicanálise. Se há razões que a razão não compreende, como dizia o francês, também há na psicologia dos adolescentes criados, como no Brasil, durante séculos, em ambiente Católico-patriarcal, aspectos que nenhum das psicanálises parece conhecer: nem a de Freud nem as de subfreuds (FREYRE, 2000, p. 66).

Se as tentativas de explicações, por ventura psicanalistas, não decodificam o comportamento dos meninos-meninas do patriarcado brasileiro, Gilberto Freyre percebe que José Maria é um estado de condições inexatas. Para o autor de *Dona Sinhá e o Filho Padre* não apenas a condição do indivíduo o ponto de partida à interpretação do “Sinhazinha”, mas a psicologia social como referencial possível de desvendar os valores e sentidos de um tempo perdido do Brasil do açúcar: temporalidade “capturada” pela narrativa da seminovela. Gilberto Freyre ansiava manipular o tempo. Esteve convicto de tamanha empresa. Fez da narrativa literária o meio para atingir-se o fim. Freyre é metucioso. Usa as palavras certas que irão conferir efeito e status ao texto. Na condição de narrador/autor incita o leitor a refletir sobre suas inquietações: sejam de ordem estética ou de forma. Estímulos à constituição da trama, do enredo.

Os intervalos da/na narrativa ajudam à decodificação das ambigüidades da seminovela:

Mas não estarei de novo deixando de contar uma história para divagar em torno dela? Ao leitor de um livro como este não interessam tais divagações: só o que aconteceu com os personagens que, neste caso, já são seus conhecidos, de um romance em que amor e amizade e até religião e sexo se confundem do começo ao fim. Várias espécies de amor a se misturarem a várias espécies de amizades, umas alterando as outras, sem nenhuma se apresentar pura ou inconfundivelmente isto ou aquilo (FREYRE, 2000, p. 66).

Freyre não simula modéstias. Ele é a definição de si mesmo. Os intervalos na narrativa em *Dona Sinhá e o Filho Padre* afirmam a posição de escritor ao elencar tanto aspectos do



conteúdo quanto da forma da narrativa. E da acepção do gênero da seminovela: um apontamento de análise sincrônica. Dos elos e das continuidades. Ao passo que Freyre (2000, p. 13) executa a auto-crítica literária procura referendar as inconstâncias de Dona Sinhá: uma Wanderley como “todos os Wanderleys autênticos”. Mãe controladora sem de todo conseguir cercear os impulsos do filho.

É pertinente afirmar que o afeto de José Maria a Paulo Tavares era recíproco. E recorrente é a menção de Gilberto Freyre aos literatos vitorianos – aos “amigos compreensivos, afins, fraternos” de Oxford (PALLARES-BURKE, 2005, p. 121). Referendar os sentimentos “pueris” entre meninos faz Gilberto Freyre acenar para a Inglaterra de sua juvenildade; dos inícios da década de 1920:

Emocionalmente, o jovem Freyre se completava com a confraternização dos jovens, belos e sofisticados rapazes, tão própria da vida oxfordiana. Nesse aspecto, ao menos, Oxford deve tê-lo surpreendido e cativado. Ele, que uma vez se descrevera como ‘um faminto de ternura’, se viu seduzido de imediato pelos rapazes ‘encantadores’ desse centro de saber. [...] O aconchego que tivera nos Estados Unidos – especialmente com as manifestações de amizade de Armstrong e de Oliveira Lima – iria também se repetir ali, mas ganhando uma nova dimensão. Diferentemente desses seus amigos, superiores em idade e em conhecimento, os de agora em Oxford eram seus iguais. [...] Jovens do mesmo sexo, estudantes, afastados da família, a maioria coabitando em moradias estudantis e confinados ao ambiente essencialmente masculino das *public schools* desde os 10 anos de idade, as condições de vida dos jovens de Oxford eram favoráveis ao desenvolvimento de relacionamentos profundos e às vezes homoeróticos (PALLARES-BURKE, 2005, p. 121).

Gilberto Freyre elabora um José Maria aos modos oxfordianos. Percebe no filho padre um referencial às expectativas e experiências dos “grandes afetos”. Paulo Tavares, portanto, o marco central das ternuras senis. Mas, o mesmo Gilberto Freyre, no desdobramento da narrativa, expõe-se, na qualidade de narrador/autor, reticente quanto ao afeto cuidado por José Maria e Paulo Tavares. A prática sexual entre ambos, pois, os distanciariam da homossexualidade.

Um parecer aquartelado pelo tabu – inviolável e inocentador – velado pelo narrador/autor da seminovela. Um assunto para ser tratado à sombra da surdina. A aparente solução de Gilberto Freyre (2000, p. 68) para o enredo da amizade forte e intensa foi a de quase realizar a promessa de Dona Sinhá de formar o seu filho padre e a efetivação da partida de Paulo para a Bélgica e, depois, à França para estudar medicina: “coincidência significativa”. Daí, Gilberto Freyre instituir a morte simbólica de José Maria quando da



partida do amado, assim como a morte biológica do “sinhazinha” quando acometido novamente pelos desarranjos intestinais.

Uma relação, na acepção dos estudantes da Inglaterra vitoriana, de tom “platônico”.

Até onde terão ido as relações de protetor com protegido, de Paulo com José Maria, nos dias em que a amizade entre os dois se confundiu com atração sexual de um pelo outro? [...] Pelo que sei dos dois, de Paulo e de José Maria, os agarrados não tenham ido nunca a extremos de relação sexual: só a antecipações de atos irrealizados. Apenas esboçados. [...] O que [...] tornou as relações entre os dois as de uma intensa e até lírica amizade animada, mas não dominada, pela atração sexual de um pelo outro. Por isso mesmo, difícil – mas possível, dizem os sexólogos – de ser mantida sem degradação (FREYRE, 2000, p. 67-68).

As vicissitudes dos personagens de Gilberto Freyre não os destitui da condição humana. Freyre os trata como categorias do social, como referências da psicologia do comportamento, como estratos do vivido. Personagens narrados em tramas. Narrados como heróis do extra-literário, como legitimidades ao prazer da leitura, como indicativos à empatia do leitor, como fruição estético-sensitiva. Em resumo: primazias da narrativa de *Dona Sinhá e o Filho Padre* condizentes com a premissa de Roland Barthes, por exemplo, acerca da obra do Marques de Sade; acerca da *histoire intime* de Jules Michelet e os irmãos Eduard e Jules de Goncourt. Insígnias das práticas de leitura de nosso narrador/autor:

[...] o prazer da leitura provém evidentemente de certas rupturas (ou de certas colisões): códigos antipáticos (o nobre e o trivial, por exemplo) entram em contacto; são criados neologismos pomposos e irrisórios; mensagens pornográficas vêm encaixar-se em frases tão puras que poderiam ser tomadas por exemplos de gramática (BARTHES, 2001, p. 39-40).

Em Gilberto Freyre, a condição do estímulo ao prazer da leitura é primaz. Há, em *Dona Sinhá e o Filho Padre*, a estética das sensações. Involuntárias, até, de acordo com Proust. Freyre é o autor consciente dos recursos voluptuosos da narrativa. Os devaneios e culpas do eu de José Maria, personagem de “colisões”, atribuem à trama da narrativa o impacto entre a moral e a brandura do encanto varonil. Na transgressão incontinente de José Maria reside o pudico e o lascivo do leitor. Reside a psicologia Freudiana: as mãos e seus apegos de impulso; e o claustro de misantropo.

[José Maria.] Mas estaria livre de pecado? Seria ele um anjo que ainda não pecasse? Dona Sinhá seria capaz de jurar que sim. Ele [...] começara já a sentir-se pecador. Talvez até merecedor de umas surras de cordões de frade da Penha. Pois a verdade é que já há algum tempo quando sozinho, no banho morno, ele dera para brincar com a piroca, amolegando-a como se fosse um passarinho, apertando-a como se fosse um dos peixinhos do seu aquário; e desse amolegar e desses apertos lhe vinham uns gostos de que ele não se animara a falar com a Mãe nem à Inácia nem a ninguém.



Era um segredo seu. [...] E as carícias que vinha fazendo à piroca, a ponto de virem as pontas dos seus dedos ardendo do desejo de tocarem na ‘tetéia’, como chamava Inácia, à sua piroca? Eram desejos que almentavam logo depois que a Mãe o deixava à noite na sua cama, depois de rezarem juntos. Era como se a piroquinha ardesse da vontade de ser tocada pelos seus dedos de pequeno demônio. [...] Pecado cometido com as mãos. Na solidão. No escuro. Em segredo (FREYRE, 2000, p. 50-53).

O modo de fazer sociologia de Gilberto Freyre passara pela forma do ensaio. Metodologicamente, descrevera em sua trilogia – *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso* – práticas do oral com o fim de “revelar” as permanências do patriarcado. Na “Nota Metodológica” 4 de *Ordem e Progresso*, especificamente, pontua os documentos e a utilização

de depoimentos de pessoas limpidamente idôneas, desprezando aqueles que [...] parecessem prejudicados, não por simples paixões ou exaltações ideológicas [...], mas por interesse [...] em desvirtuar acontecimentos ou desfigurar fatos; ou em mistificar o pobre do pesquisador, passando-lhe gato por lebre” (FREYRE, 2000, p. 46)

Gilberto Freyre, atento aos meandros da pesquisa pautada no oral e no escrito, atribui à narrativa de *Dona Sinhá e o Filho Padre* o cuidado com a sonoridade da fala, com o sentido e a ordem que o oral aplica à descrição de seus personagens. A antipatia de Dona Sinhá diante do modo plástico de sua criada falar, a negra Inácia, indica a disciplina dos valores do letramento da senhora do açúcar. Senhora educada sob a regência das freiras marianas do Colégio São José do Recife. Senhora desprovida de posses, mas fiel às origens nobiliárquicas. Logo, o tempo presente de Dona Sinhá, aquele narrado por Gilberto Freyre na seminovela, a inquieta. Logo, o presente não é a superação do passado, mas uma predominância do segundo sobre o primeiro. É um dos princípios da feição autobiográfica de Gilberto Freyre ao tentar superar-se a si mesmo.

O autor de *Dona Sinhá e o Filho Padre*, na dedicatória da primeira edição, oferta a Otávio de Faria, a Jorge Amado e a Guimarães Rosa um novo modo de escrever literatura: a seminovela. A posição de Gilberto Freyre, na enunciação da dedicatória, é a de escritor renomado pouco destro no gênero da [semi]novela. Dedicar aos pares o resultado de um esforço e obter de pronto a legitimidade, não garantem a Gilberto Freyre o resultado aspirado. Algo, vale afirmar, que não cabe ser apurado aqui. De todo modo, passagens de *Dona Sinhá e o Filho Padre*, dedicadas a anunciar o modo “já fora de tempo [...] [de] ser romancista” (Freyre, 2000, p. 13) de seu autor, são passíveis de verificação.



As pausas as quais o narrador/autor dedica a temas, à primeira vista considerados ornamentais, são significativos ao processo de composição da escrita narrativa e da legitimidade do discurso que a acompanha. Michel Foucault (2009, p. 07), em *A ordem do discurso*, alerta: “O discurso está na ordem das leis; que a muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém”.

De acordo com César Leal, crítico literário, o modo Gilberto Freyre de fazer literatura deve-se à “imaginação visual” (LEAL, 2000, p. 08-09): estímulo à recordação de experiências. No entanto, é plausível considerar também a imaginação auditiva de nosso seminovelistas. Um articulador de sonoridades das palavras. Em passagem dedicada a relatar o medo de Dona Sinhá diante do fascínio de José Maria pelo mar o narrador/autor, no uso de verbos no pretérito imperfeito, articula movimento e sonoridade ao que relata. A flexão dos verbos, no pretérito imperfeito, no Recife, é considerada referência social costumeira.

Daí a menção do narrador/autor ao tema:

Dona Sinhá só confiava em pescador, para levar o filho além dos arrecifes, que fosse da Irmandade; que só se largasse para o mar, fazendo o Pelo-Sinal; que soubesse cantar a Ave-Maria e rezar o Creio-em-Deus-Padre, no caso de qualquer Iemanjá repontar do verde das águas para seduzir cristão e desencabeçar homem de bem (FREYRE, 2000, p. 91).

Dedicar *Dona Sinhá e o Filho Padre* a três interlocutores traduz-se na tentativa de Gilberto Freyre de reparar excessos em um tipo de escrita por ele debutada: “A Otávio de Faria, Jorge Amado, Guimarães Rosa, novelistas esplendidamente completos, cada um a seu modo, a admiração de um incompleto, quando muito, seminovelistas” (FREYRE, 2000, p. 11).

A seminovela, para Gilberto Freyre, implica na elaboração e no conseqüente refinamento de experiências de escrita, de memórias e de experiências de vida. Escrever obra de ficção não o destitui da condição de refrator de sua ascendência. Aspecto do qual Otávio de Faria, Jorge Amado e Guimarães Rosa demonstraram ir além. Freyre ler o passado. Distrai-se com a película amarelada de um tempo amaciado pelo saudosismo. Neste particular Gilberto Freyre não é crônico de seu tempo: o presente. Na seção intitulada, da edição do Círculo do Livro, de “Conversa do autor com o leitor em torno do modo porque foi esboçada a seminovela *Dona Sinhá e o Filho Padre*, lê-se:

Este semi-romance – ou seminovela? – ninguém pense que seja, mesmo remotamente, autobiografia disfarçada; ou biografia romanceada; ou história sob a



forma de ficção. Terá num ou noutro trecho um pouco de biografia não de indivíduo só mas de vários, considerados na pessoa imaginária de um tipo como que socialmente ideal; e um tanto, também, de história: história de uma época de transição na vida brasileira e que foi a dos avós, já adultos, e a dos pais, ainda crianças, do autor (FREYRE, s/d, p. 192-193).

Se para Gilberto Freyre toda obra de ficção tem seus referenciais que ultrapassam o ficcional as aparentes coincidências atribuem à obra literária olhar perscrutador frente às coisas e os seres que a inspiram. O literato, escorregadio aos olhos de seu leitor, manipula modos de escrever blindados e até indecifráveis. O enigma da narrativa Freyriana, em *Dona Sinhá e o Filho Padre*, parece revelável. A franqueza do autor é ilusória. De aparente generosidade à Rainha Margot da França:

Entre mim e a dona Sinhá de São José do Ribamar aconteceu talvez – penso eu – qualquer coisa de semelhante a um desses fenômenos de telepatia, de que estão cheios certos livros em língua inglesa. Tanto livros de ciência como de ficção. Telepatia, sim. Pois, as ‘meras coincidências’ são, em alguns desses casos, excessivas, para serem tranqüila e simplesmente ‘meras coincidências’ (FREYRE, s/d, p. 192).

Revelar-se não seria, de pronto, o predicado de Gilberto Freyre; escritor da sedução. A sutileza das vírgulas, dos travessões e do efeito ambíguo das aspas “definem” o modo Gilberto Freyre de fazer literatura: entre os apelos autobiográficos e as inquietações, ou melhor seria dizer lamentos, psicológicas. As normas ortográficas não são regras pré-estabelecidas em *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Há muito mais desejo de captura de tempos idos do que de significados objetivos de duas vírgulas indicando apostos, de travessões destacando ressalvas ou das aspas sublinhando sentidos velados.

Hei de criar um estilo. E dentro deste estilo, desde que me repugna inventar, como nas novelas e nos dramas, que escreverei? Talvez a continuação dos meus primeiros esforços de ressurreição de um passado brasileiro mais íntimo até esse passado tornar-se carne (FREYRE, 2000, p. 85)

A narrativa ficcional é uma projeção. Premissa da qual Gilberto Freyre não fugiu. A seminovela por ele construída exemplifica suas intenções ideais e sentimentos em relação à vida. Projeção que, distante das conceituações racionalistas, institui realidades. A ficção, portanto, esboça a visão do ficcionista que, para dialogar e confortar os anseios do leitor, precisa narrar mediante uma forma. A forma legitima o tema. O tema, por sua vez, a forma. O tempo da narrativa de *Dona Sinhá e o Filho Padre*, ou melhor, a realidade projetada pela seminovela, obedece às seguintes observações: o que acontece? Quem – participa – motiva os acontecimentos? Em que circunstâncias e espaços os acontecimentos adquirem sentidos?



As condições e circunstâncias de existência ficcional de Dona Sinhá e de seu filho, José Maria, impõem-se diante do narrador/autor como se este também fosse personagem da seminovela. Gilberto Freyre, na categoria de narrador, manipula a existência das personagens ao situá-las no drama existencial – psicológico – de José Maria e das condições materiais de Dona Sinhá: recifenses do bairro de São José do Ribamar.

É perceptível que uma das características da narrativa de *Dona sinhá e o Filho Padre* é a de levantar discussões acerca da crítica literária, do papel do narrador na ficção, da ambigüidade dos seres humanos, da busca por definição dos gêneros literários. Gilberto Freyre elabora uma literatura de crises: tanto as do próprio narrador quanto as do “conflito da personalidade humana enfrentando meio social hostil à realização de seus objetivos existenciais” (COUTINHO, 1983, p. 29).

Dona Sinhá e o Filho Padre é uma obra perturbadora pelo estilo e forma apresentados; é perturbadora pelo embate entre o desejo humano pelo fantástico e o pretense equilíbrio emocional/racional. A ambigüidade de José Maria, por exemplo, um misto de tabus e impulsos da sexualidade, indica chamamentos do narrador, Gilberto Freyre, ao drama psicológico dos desejos reprimidos.

É certo que eu vinha imaginando fazer de uma Dona Sinhá, [...] personagem de uma espécie de romance em que ela aparecesse ao lado do filho padre. Agora, para meu assombro, essa figura fictícia me declarava que não era fictícia: que existia. Existia à minha espera, já que eu a adivinhara, ao tentar compreender tempos inatuais perdidos no meio dos atuais. (Freyre, 2000, p. 17-18)

A impertinência da classificação dos gêneros literários implica na arrumação das aspirações de um autor após a feitura e publicação de seu texto. A classificação é o crivo do olhar externo. Olhar de quem analisa para definir. Gilberto Freyre procura antecipar-se à crítica literária quando afirma que *Dona Sinhá e o Filho Padre* não é uma novela e sim, a seu modo, uma seminovela. Uma quase novela? Ou digamos que uma seminovela seja a fusão entre os gêneros romance e novela? Por mais inquietante que seja aos olhos do leitor acadêmico sobre o texto de Gilberto Freyre, o pendor inclassificável de sua obra levanta, indubitavelmente, questões como as que acabo de mencionar. Questões que possibilitam ao leitor um trânsito menos desnorteador sobre o terreno pantanoso das incursões literárias do escritor pernambucano.

A condição de narrador é assumida por Gilberto Freyre. Um narrador que descreve cenas com apurado lastro de alguém que testemunhara algo vivido. *Dona Sinhá e o Filho*



Padre tem suas personagens e caracterizações envoltas à fala de um narrador preocupado em aludir memórias, devaneios fantásticos e vínculos com o passado. Há, nos inícios do texto, um embate entre o narrador e a sua interlocutora ancestral: uma Sinhá urbana de aparente origem familiar da Zona da Mata açucareira de Pernambuco que reclamava a inserção de sua trajetória e valores nas páginas literárias. Dona Sinhá inquietava-se por entender que a sua biografia era descortinada, desvendada. Uma Dona Sinhá vinculada ao passado, de ares de receptáculo humano, de anedota fabulosa, de substantivo sobrenatural, de abstrações psíquicas.

Elaborar uma seminovela, pondera o escritor, implica na seguinte compreensão do ofício:

O saber literário é o diabo: raramente deixa o indivíduo um tanto lido, em estado natural, diante do que lhe acontece – mesmo que seja um acontecimento esquisito. Pertencço ao número daqueles que em circunstâncias a mais íntimas do cotidiano se lembram do que, nas mesmas circunstâncias, certos personagens literários têm acrescentado de literatura à vida; ou de vida à literatura (FREYRE, s/d, p. 191).

Gilberto Freyre, na qualidade de narrador, impõe-nos a crença na existência de Dona Sinhá para além da realidade ficcional. Aspecto de valor singular uma vez que lampejos autobiográficos são por ele manipulados na elaboração da seminovela. Instituído o gênero literário por ele mesmo anunciado, o da seminovela, fica claro aos olhos do leitor que a dimensão na qual as personagens, as paisagens e os objetos são ambientados conceitua o modo Freyriano de fazer literatura.

A seminovela, tanto quanto a novela, é a descrição alternada entre cenas passadas em espaços “ao ar livre” e em “recinto fechado”. Perspectiva focada por Gilberto Freyre, em 1921, quando da análise do livro de Mário Sette, *Senhora do Engenho* e, no ano de 1918, quando escreve texto de crítica literária, para o *Diario de Pernambuco*, sobre o livro *Urupês* de Monteiro Lobato.

As funções e qualidades assumidas por Gilberto Freyre – a de narrador e a de autor ao mesmo tempo – estilizam a sua prática de escrita. *Dona Sinhá e o Filho Padre*, um exercício de plausibilidade e verossimilhança estética, expressa os elos do escritor com o vivido e com o desejo de ter vivido. Anseios aplanados no tempo anacrônico de *déjà vu*.

No decurso de *Dona Sinhá e o Filho Padre* passagens que demonstram a tentativa do escritor de situar, iniciar, seus leitores no gênero literário da seminovela. “[...] Não nasci para romancista inovador de casos e de personagens; e sim para outro gênero de bisbilhoteiro das



intimidades da natureza humana: a bisbilhotice do real ou do mais real que o real [...]” (FREYRE, 2000, p. 18).

E mais:

[...] Diante do que me contou, certo dia, em São José de Ribamar, a meio fictícia, meio real dona Sinhá, base da personagem desta seminovela, ao pretender que eu renunciasse à ideia de escrever a história da sua vida, não foi nenhum herói literário, nem do cotidiano, nem de aventuras de risco físico, que primeiro me veio à memória, surgindo das reminiscências de leituras – leituras de Kipling, de Stevenson, de M. R. James, de W. F. Harvey, de Conan Doyle; e sim a figura de certo desenhista, criada já não me lembro por que escritor de língua inglesa – Harvey? Talvez – especializado, como tantos escritores da mesma língua, em juntar ao cotidiano o fantástico (FREYRE, s/d, p. 191).

Dona Sinhá e o Filho Padre é um campo de debates. As tentativas de situar a seminovela na oficialidade literária imprime a Gilberto Freyre a necessidade de ampliar seu diálogo para além da horizontalidade do texto. Freyre demonstra preocupação frente aos seus pares ao lançar-se “oficialmente” literatura do quase romance, da quase novela. Diz o escritor que a novela adquire tamanho sentido quando da articulação de ideias no formato de trama. “Uma novela quase sem enredo [, sem trama]. [É uma] seminovela” (FREYRE, 2000, p. 87).

O trocadilho de distinção entre a novela e a seminovela não obriga o autor de *Dona Sinhá e o Filho Padre* a voltar suas atenções a objetiva diferenciação entre história e ficção. O lampejo ficcional do modo Gilberto Freyre de fazer literatura não procura distinguir, ou dissociar, a história da ficção. Um exercício, de fato, não empreendido pelo cultor da açucarocracia. Roger Chartier, a propósito, alude sobre o perigo que o apartamento entre a história e a ficção revela se tratarmos a dinâmica da escrita como objeto reducionista dos manuais de literatura. Estes compartimentam, classificam (CHARTIER, 2010, p. 24).

Se a definição ligeira do conceito de ficção resume a própria ficção ao papel de mera informante do real objetivo, a seminovela Freyriana confere à estética ficcional o patamar de real supremo quando a memória é instituída como referência importante à interpretação de escritos literários. Logo, cabe aos historiadores não esquecer que

hoje em dia [...] muitas razões ofuscam essa distinção tão clara. A primeira é a evidenciação da força das representações do passado propostas pela literatura. A noção de ‘energia’, que tem um papel essencial na perspectiva analítica do *New Historicism*, pode ajudar a compreender como algumas obras literárias moldam, mais poderosamente que os escritos dos historiadores, as representações coletivas do passado [...]. Uma segunda razão que faz vacilar a distinção entre história e ficção reside no fato de que a literatura se apodera não só do passado, mas também dos documentos e das técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica. Entre os dispositivos da ficção que minam a intenção ou a



pretensão de verdade da história, capturando suas técnicas de prova, deve-se colocar o 'efeito de realidade' definido por Roland Barthes [...] como uma das principais modalidades da 'ilusão referencial' (CHARTIER, 2010, p. 25-27).

Dona Sinhá e o Filho Padre não resulta de formalismos terminológicos. A escrita de Gilberto Freyre, portanto, projeta expressões da dinâmica oral como valores reconhecidos pelo rigor da escrita. Freyre delinea sua forma de fazer existir fatos passados sem que os mesmos fatos sejam anunciados como verdades objetivas e absolutas. Freyre articula verossimilhanças. Elaborar uma forma de escrita cuja linguagem atribua afirmação de existência aos fatos descritos na seminovela. É um exemplo palatável de narrativa como existência, como realidade (WHITE, 1994, p. 43).

Os dois pontos de análise mencionados acima, por Roger Chartier, destituem a narrativa de *Dona Sinhá e o Filho Padre* de obrigações para com as normas da história literária. Logo, o uso do contexto como plano de sustentação e pretensa via de explicação da narrativa da seminovela, não condiz com a interpretação aqui proposta. Afinal, a distinção combativa entre história e ficção ou entre história e literatura não garante amplitude de visão para o pesquisador interessado nas peculiaridades literárias.

Gilberto Freyre, dentre os constantes intervalos explicativos, não se distancia de questões de ordem conceitual. Entre um diálogo e outro dos personagens e destes com o narrador/autor é de apreensível detecção as reafirmações autorais e da estética literária freyriana. Em *Dona Sinhá e o Filho Padre*, porém, os diálogos entre personagens não formulam a trama da narrativa, mas são as trajetórias interpessoais – sob a especulação psicológica do narrador – que acabam por articular a trama da seminovela. Num jogo de meaculpa Gilberto Freyre justifica-se para o leitor ao passo que tópicos narrativos são retomadas: a exemplos da tentativa de definição do gênero seminovela e da combativa distinção entre história e literatura.

Hayden White, acerca do embate entre a suposta objetividade da história e a subjetividade da literatura, alerta-nos para o processo de escrita da história como gênero narrativo. Afirmativa relevante à reflexão em torno da apropriação da literatura pela história. Apesar de ambas as disciplinas apresentarem seus limites com relativa distinção não há como negar que

O discurso literário pode diferir do discurso histórico devido a seus referentes básicos, concebidos mais como eventos 'imaginários' do que 'reais', mas os dois tipos de discurso são mais parecidos do que diferentes em virtude do fato de que ambos operam a linguagem de tal



maneira que qualquer distinção clara entre sua forma discursiva e seu conteúdo interpretativo permanece impossível (WHITE, 1994, p. 27).

O tempo presente como inquietude existencial de Dona Sinhá, o apego sentimental entre José Maria e Paulo Tavares ou as lembranças da ancestralidade de Gilberto Freyre são, na ocorrência da escrita, limites ou recursos retóricos de elevação das intempéries humanas, da instância histórica dos conflitos dos indivíduos em sociedade. A literatura para Gilberto Freyre, portanto, é o plano de apreensão das contradições humanas. Inventar personagens e torná-los inteligíveis na narrativa ficcional é um exercício de projeção dos discursos e seus meios de convencimento do real.

As apropriações feitas por Gilberto Freyre – de expressões do oral, dos anedotários proverbiais e de explicações escatológicas, por exemplo –, para a elaboração de sua seminovela, instituíram personagens de referência às distintas situações apresentadas pela evocação da narrativa (BURKE; PORTER, 1996, p. 48). João Gaspar, irmão de Dona Sinhá, interlocutor do narrador/autor na trama, faz referência à crença popular acerca da possessividade dos santos. Para o tio de José Maria a santa da devoção de Dona Sinhá, Nossa Senhora das Dores, tanto fez que levou o menino para o convívio dos anjos.

Sobre a feição social de João Gaspar, descreve o narrador/autor:

[...] Nunca me deixei impressionar de todo pelos argumentos de João Gaspar da Rocha Wanderley contra a irmã e contra os padres, que, segundo ele, teriam feito do sobrinho sacerdote, deformando-o, desde criança, com esse fim. Fosse qual fosse a criação de José Maria não creio que ele tivesse se tornado substituto, senão manco, do tio, na direção da casa e do engenho de Olindeta; ou que, como o tio, desse para raparigueiro; como o tio, desse para conhecedor de cavalos. Não me parece certo o ditado segundo o qual quem é bom já nasce feito; ou o outro que diz de quem nasce torto, não endireita nunca; mas tampouco me parecem certos aqueles ambientistas para quem o ambiente determina sozinho o caráter, o futuro, as virtudes de um indivíduo. João Gaspar argumentava com exemplos, alguns terríveis, de deformações de filhos pelos pais e pelas mães aos santos e à Virgem. E pretendia incluir a própria irmã entre os deformadores dessa espécie (FREYRE, 2000, p. 104-105)

Em *Dona Sinhá e o Filho Padre* José Maria é dissociado das práticas profanas. E mesmo que a descoberta da “piroquinha” pelo Menino-Deus tornara-se mácula de sua biografia a aura de ser fabuloso não o deixara. Gilberto Freyre soube como manipular e reorientar valores dos tempos de Dona Sinhá. A fábula, portanto, servira de referência para tamanho esforço. Algo condizente com a proposição de Giorgio Agamben (2005, p. 154):

[...] Na fábula tudo é gesticulação ambígua do direito e da magia, que condena ou absolve, proíbe ou permite, enfeitiça ou desencanta, ou então sombria estatura enigmática de decanos e figuras astrológicas, que sanciona o vínculo fatídico que cinge toda criatura (ainda que sobre tudo isso a fábula estenda o véu esmaecido do encanto) [...].



A revisão nos cânones da história sugerida por Hayden White não é para Gilberto Freyre um problema abrasivo. Aliás, não é de fato um problema por ele especulado. Muito embora, contudo, é evidente a diferenciação entre os pólos do real e do ficcional quando afirma com ares de distinção na nota de advertência, ou “Aviso ao Leitor”, do *Dona Sinhá e o Filho Padre* prediz: “O itálico não aparece no texto desta seminovela para dar ênfase a palavras[,] porém simplesmente a fim de distinguir o histórico do fictício” (FREYRE, 2000, p. 09). E das diferenças entre o que é imaginado e o que é resultado da inspiração. Inspiração, cabe esclarecer aqui, destituída do sentido de concepção do acaso. Sobre esta questão, conclui Maurice Blanchot: “a obra atrai aquele que se consagra para o ponto onde ela é à prova da impossibilidade” (BLANCHOT, 2011, p. 177).

E cabe ser aqui destacado a seguinte proposição: se o real e o fictício para o escritor pernambucano, na estruturação do texto, são anunciados pela inscrição do itálico para demarcar o histórico, é porque o mesmo itálico serve de legitimação para os relatos da ancestralidade do próprio Gilberto Freyre contidas na seminovela. Sobre o primeiro contato do narrador/autor como o personagem João Gaspar, irmão de Dona Sinhá, fica aparente o significado do itálico na expressividade da narrativa:

Não me surpreendeu que se chamasse Gaspar: João Gaspar. *Há séculos que o nome Gaspar se perpetua no culto familiar dos Wanderleys brasileiros à memória do fundador holandês do clã: Gaspar. (Não tenho eu uma irmã Gasparina?) E com o nome, se vêm conservando certos característicos nórdicos que nos Wanderleys mais endogâmicos resistem, ainda hoje, de modo surpreendente, ao trópico e ao tempo que se separa da Europa. (Não pensou um jornalista carioca a primeira vez que chegou à nossa casa e apareceu o velho Freyre, meu Pai, trata-se de um inglês?)* (FREYRE, 2000, p. 75).

Gilberto Freyre tem plena consciência de sua postura de autor. É pleno de autoridade. Sabe do quanto é larga a seara da literatura, mas também sabe dos limites que ela impõe. Atribuir existência à Dona Sinhá e a seu filho, José Maria, exigira do criador das criaturas o compromisso para com as “narrativas que competem”; para com os fazedores e legitimadores da escrita literária. Trata-se de um voto inviolável firmado com os pares; e com a vigilância dos leitores. Para tanto, assinala Gilberto Freyre (2000, p. 71-72):

[...] Mais uma vez correndo o risco de turvar o que, nesta seminovela, é narrativa, juntando-lhe alguma coisa de ensaio metodológico, devo repetir que, tendo principiado por conceber certas figuras novelescas, pela pura imaginação, pelo menos uma delas surgiu de repente diante de mim, dizendo-se real e exigindo de mim que a respeitasse como pessoa existente. No que se enganava; mas não de todo. Ela existia fora de mim; mas, principalmente, dentro de mim. Onde, de certa altura em diante, ter eu passado a escrever a história dela e do seu filho



seguindo um método até certo ponto naturalista; mas acrescentando-lhe alguma coisa de imaginoso que tanto terá, dentro das suas fraquezas, do imaginário dos poetas como do imaginário dos cientistas. Inclusive o imaginoso dos detetives de que se vêm servindo autores recentes de obras chamadas de ficção, para darem novo caráter, mais científico e, principalmente, mais psicológico, até a biografia de santos.

E completa:

Que sustenta um desses autores? Que para a descoberta e a verificação de uma verdade humana o detetive está melhor armado do que o naturalista, pois é mais livre e mais preparado para o desconhecido, seja este qual for. Mais: que para o naturalista trata-se menos de descobrir a verdade do que de verificar leis; enquanto o detetive sabe que também o excepcional existe e que o humano é sempre particular. E nada de mais proveitoso ao biográfico desse novo tipo do que seguir aqueles manuais da *art of detection* que ensinam não existirem minúcias desprezíveis. Pois o menor objeto ou gesto ou lapso de linguagem pode ser a chave de uma descoberta: o indício capaz de tornar-se revelação (FREYRE, 2000, p. 72)

Gilberto Freyre, em linhas gerais, aponta para a relevância do efeito da descrição diante do real. A finalidade da descrição, portanto, é executar a negação de receitas destinadas a impor um traço de escrita. Freyre procura, a seu modo, disciplinar sua escrita de “ensaio metodológico”. Estilo por ele refinado quando da publicação de *Casa-Grande & Senzala* em 1933. Proposta narrativa vigente em *Dona Sinhá e o Filho Padre*. O “ensaio metodológico” em Gilberto Freyre é configurado pela análise sociológica prevista na seminovela: as práticas cotidianas como verificação da existência do patriarcado do açúcar. Práticas, muitas delas, resultantes do mais desprendido pudor na forja da narrativa.

Dona Sinhá e o Filho Padre, um “gênero” literário, tem a escrita descritiva e associada aos intervalos de auto-crítica literária, o padrão da forma narrativa. Gilberto Freyre, ciente do apelo das temáticas abordadas, constitui as ligações entre os personagens. A seminovela, em suma, angariara leitores mediante o senso de especulação do narrador/autor. Tornou-se acontecimento da escrita da literatura, muito embora não fugira da classificação prevista: a de novela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Fábula e história: considerações sobre o presépio*. In: **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Trad.: Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BAPTISTA, Abel Barros. **A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis**. Campinas: UNICAMP, 2003.



BURKE, Peter e PORTER, Roy (orgs.). **Linguagem, indivíduo e sociedade**. Trad.: Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. (orgs.). **História social da linguagem**. Trad.: Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Unesp; Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BOSI, Alfredo. *O tempo e os tempos*. In: **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COUTINHO, Edilberto. **A imaginação do real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 1983.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DARBO-PESCHANSKI, Catherine. *Os tempos da história*. In: **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

DEL PRIORI, Mary. *Prefácio*. In: **Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

DIMAS, Antonio. *Gilberto Freyre e a Crítica Literária*. In: **O Imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho/UniverCidade/Colégio do Brasil/Topbooks, 2001.

_____. *Barco de proa dupla: Gilberto Freyre e Mário de Andrade*. In: **Casa-Grande & Senzala** – Edição Crítica. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX/Fundação Vitae, 2002, p. 849-869.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Trad.: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. XIII, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Dona Sinhá e o filho padre**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

_____. **Dona Sinhá e o filho fadre**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, s/d.

_____. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2001.



- _____. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. **Seleta para jovens**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora; Recife: Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1980.
- _____. **Diário de Pernambuco**. ‘*Acerca de Senhora do Engenho de Mário Sette*’, outubro, 1921, p. 03-10.
- _____. **Diário de Pernambuco**. ‘*Urupês*’, dezembro, 1918, p. 07-12.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Poesia e prosa*. In: **Livro dos prefácios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LEAL, César. *A imagem visual e outros temas na expressão literária de Gilberto Freyre*. In: **Arrecifes**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Conselho Municipal de Cultura, nº especial, jun./2000, p. 06-22.
- MALAMOUD, Charles. *Narrativa silenciosa*. In: **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- NOVAES, Adauto. *Sobre tempo e história*. In: **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: UNESP, 2005.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann**. Trad.: Mario Quintana. São Paulo: Globo, v. I, 2006.
- _____. **O fim do ciúme e outros contos**. Trad.: Dorothee de Bruchard. São Paulo: Hedra: 2008.
- _____. **Sobre a leitura**. Trad.: Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 2011.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: testemunho da Era das Catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy. *Cultura Escrita e Oralidade*. Trad.: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- WHITE, Hayden. *Teoria Literária e escrita da história*. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 07, nº 13, 1994, jan./jun., p. 21-48.